

Da Leitura

Alberto Pucheu

Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Letras –
Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://www.albertopucheu.com.br/>

dobra

Como me aproximar de um livro, que insiste em escapar? Escrever, talvez, não o que o livro é ou queira ser, mas escrever o que o livro poderia ter sido, sem que tenha querido ter sido dos modos que o escrevo. Escrever de maneira que, na distância assegurada, na impossibilidade de enfrentar sua presença, que não vejo se colocar para mim (e, conseqüentemente, que não vejo de fato existir), reste um confronto com sua fronteira, com o lado em que estou de sua ausência, com alguns deslizamentos capazes de lidar, se não com um livro, com rastros de uma ausência, com vestígios do que não está por perto, do que está longe de mim.

Mesmo se esse longe conseguisse, de alguma maneira, ser objetivado, seria preciso dizer que o livro, esvaído, não estaria lá, senão desertado, como miragem. O livro está e não está por onde estou. Parecemos estar juntos sem que possamos nos encontrar, senão pelo fato de sua força inagarrável me afetar. Eu o leio, mas o que dele importa ainda não chegou ou já foi embora. O livro me lança nessa disjunção entre o porvir e o escapado. Eis o fracasso – e a saída: constantemente, o livro que leio parece ser bem mais lento ou bem mais rápido do que eu, em desacerto, os passos que nossos pés dão jamais coincidem. Como disse, se essa não coincidência é meu fracasso, é, igualmente, a saída, que afirmo, a saída de entrar no livro saindo dele, por ele só me acolher com seu afastamento, com sua estranheza indizível. Ler um livro tentando escrevê-lo, lê-lo, segundo se diz, criticamente, é querer poder voltar para onde nunca se esteve. Nem se estará. Tanto, ao menos, isso, estar onde jamais estou, nem estarei, mas que por alguns motivos enigmáticos me move a falar o que não sei dessa atopia que é o livro.

Começa a chover onde estou, e a chuva (até ela!) me retira por instantes dos restos do livro que leio tentando escrevê-lo. A chuva me retira das sobras do que leio, do que escrevo para lê-lo, me requisitando lê-la ou escrevê-la como se

também ela quisesse, interrompendo-o, me afastar do livro, já distante ou ainda não chegado, e dele, pela chuva que agora cai, me aproximar, me aproximar de sua lonjura pela chuva, que vem igualmente de longe, desliza, escorrega e se esvai. Não me aproximo do livro, mas, quem sabe, da chuva que subitamente cai. Aproximo-me do livro pela chuva, dando-me conta de que a chuva me molha, mas tampouco me deixa escrevê-la. Entretanto, escrevo, escrevo – ainda que talvez não a chuva nem o livro. Escrevo estas palavras, o que quer que sejam, esta sintaxe, o que quer que seja. Escrevo esta escrita, nada mais. O livro me leva à chuva que me leva ao livro, deixando livro e chuva vazios, e, esvaziados o livro e a chuva, crio deles uma ficção, ainda que crítica, do livro, em busca de uma língua para dizer sua falta, sua falta que me faz vivenciar a falta justamente de uma língua para ela, ou seja, a falta de uma língua para ele, livro, dando a impressão de que falta, língua e livro se entrelaçam. O livro, que desejo escrever em sua falta, me lança na falta da língua, mas ainda assim escrevo, iludindo-me, ele me parece estar aqui, me levando, entretanto, a fazer a experiência do mais remoto para onde ele segue quando vou ao seu encalço.